REVISTA DA FUNDARTE
ANO 16 / NÚMERO 32 / JULHO A DEZEMBRO DE 2016



Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente

Lutiere Dalla Valle[1]
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: O objetivo neste texto é abordar o cinema enquanto dispositivo/disparador para a formação docente, compreendendo-o como artefato produzido pela cultura que produz formas de *ver* e ser *visto*. Neste ínterim, subsidiado por experiências de aprendizagem no contexto da formação docente, respaldado pela abordagem narrativa e perspectiva da cultura visual, busca-se estabelecer relações entre arte e subjetividade no que tange às construções sociais /históricas/culturais e ideológicas presentes nas visualidades veiculadas pela cinematografia. Para tanto, explora-se o conceito *edu(vo)cativo* atribuído ao cinema, que compreende os aspectos educativo, evocativo e cativo que envolvem a aprendizagem mediada pelas visualidades.

Palavras-chave: Potência Edu(vo)cativa; cinema; formação docente.

Abstract: The objective of this text is to approach the film as device for teacher training, understanding it as an artifact produced by the culture that produces ways of seeing and being seen. In the interim, subsidized by learning experiences in the context of teacher training, supported by the narrative approach and perspective of visual culture, we seek to establish relationships between art and subjectivity in relation to social / historical / cultural and ideological constructions present in visualities conveyed by cinematography. So, it explores the concept edu(vo)cational attributed to the film comprising the educational, evocative and captive aspects involving learning mediated visualities .

Key-words: Edu(vo)cational power; movies images; teacher training.

[1] Doutor em Artes Visuais e Educação (Universidad de Barcelona/ES, 2012), Mestre em Educación y Artes Visuales: un Enfoque Construccionista (Universitat de Barcelona/ Espanha/UB, 2009), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (CE/PPGE/UFSM/2008), Linha de Pesquisa: Educação e Artes. Possui Especialização em Arte e Visualidade pela Universidade Federal de Santa Maria (2005), Licenciatura Plena em Desenho e Plástica (Universidade Federal de Santa Maria/2003), Bacharelado em Desenho e Plástica (Universidade Federal de Santa Maria/2002). Atualmente atua como Coordenador do Curso de Artes Visuais - Licenciatura e Bacharelado DAV/CAL/UFSM / professor adjunto no Departamento de Artes Visuais/ CAL/UFSM, também no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART - Linha de Pesquisa Arte e Cultura, e nos Cursos de Graduação Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais. Co-orienta no Doutorado em Educação, Linha de Educação e Artes do CE/UFSM. Investiga as relações entre Artes Visuais e Cultura Visual relacionado à formação de artistas e professores de artes visuais. Tem experiência na área de artes visuais, com ênfase em entornos educativos. Líder/Coordenador dos seguintes Grupos de Pesquisa e Extensão: Grupo de Estudos e Pesquisas Artes Visuais e I/Mediações (AVI/CAL/UFSM); Núcleo Educativo Cláudio Carriconde (NECCA/ CAL/UFSM); Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte e Medicina (GEPAMCAL/UFSM); Grupo de Estudos Cinema e Educação (GECED); Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte Contemporânea e Educação da Cultura Visual: Pegadogias Culturais na alfabetização infantil; Rota das Esculturas e Pintura Mural no Campus (DAV/UFSM). Membro pesquisador do GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, UFSM. Linhas de Interesse e Investigação: Formação de Professores, Estudos da Cultura Visual, Estudos sobre Cinema e Educação, Formação de Artistas, Agentes Culturais e Processos de Mediação em Espaços Expositivos Formais e Não-Formais. Contato: lutiere@dallavalle.net.br

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 16 / NÚMERO 32 / JULHO A DEZEMBRO DE 2016



Introdução

> Os seres humanos não terminam em sua própria pele; são expressão da cultura. Considerar o mundo como um fluxo indiferente da informação que é processada pelos indivíduos, cada um atuando à sua maneira, supõe perder de vista como se formam os indivíduos e como funcionam. Ou, para citar novamente Geertz, 'não existe uma natureza humana independente da cultura'.
> (BRUNER, 1991: 28)

Diálogos entre cinema e educação têm sido recorrentes em nossos contextos educativos. O uso do cinema como um ponto de partida para desenvolver projetos educativos - sobretudo nos últimos dez anos, no contexto nacional - tem assinalado variadas experimentações, publicações a partir de agrupamentos de textos produzidos em grupos de pesquisa, ensaios, atravessamentos diversos em que o cinema constitui-se fio condutor e/ou mote reflexivo para desencadear escritas narrativas, dissertações e teses de doutorado em Educação e áreas afins. Talvez, resultado do vasto processo de contaminação e/ou proliferação de imagens oriundas das mais diversas fontes que suscitam possibilidades educativas e favorecem experiências de aprendizagens significativas mediadas por *pedagogias culturais*, articulando, desta maneira, tentativas curiosas em abordar a cinematografia a partir de ângulos e enquadramentos diversos em que são apresentadas distintas formas de *ver* e *ser visto* pelas visualidades.

Há experimentações que apostam em práticas educativas embasadas pela crítica, pela produção criativa e emancipatória, transitando entre campos que articulam conceitos e contextos plurais de produção de significados. Por outro lado, é recorrente também a tentativa de *pedagogizar* o cinema seguindo um receituário de *como fazer*, *como ver* e *o que ver* nos filmes.

Diante destas considerações, adianto que neste texto proponho pensar e articular o cinema de modo *relacional*, *afetivo*, *múltiplo*, *em devir*, algo que não está pronto, onde existem infinitas probabilidades de aproximação e diálogo, configurando-se, também, como *dispositivo edu(vo)cativo*, ponto de partida, um *começo*, isento da intenção de prescrever um método a ser implementado. Igualmente, refletir sobre o que podemos aprender *com/a partir* das imagens produzidas pelo cinema e como as experiências de aprender podem ser potencializadas a partir dos filmes, isto é, investigar como o cinema pode configurar-se *edu(vo)cativo* na formação docente.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 16 / NÚMERO 32 / JULHO A DEZEMBRO DE 2016



A Potência Edu(vo)cativa das imagens fílmicas

Toda voz individual, como nos mostra Bajtin, está abstraída de um diálogo.
(BRUNER, 1991: 14)

Edu(vo)cativo origina-se da *junção* de três palavras: *educativo*, *evocativo*, *cativo*[2]*: é desta forma que nos aproximamos do cinema* na busca por propor uma justaposição com a imagem fílmica em que sejam articuladas as relações de aprendizagem potencializadas a partir de sua visualização. Igualmente, tendo em vista que as *imagens em movimento* carregam particularidades específicas de sua natureza *visual/afetiva*, a ideia é pensar que o cinema não poderia ser conjecturado dentro de uma única estrutura linguística à qual nos vinculamos em nossos contextos culturais, geográficos e temporais, pois amplia os campos da percepção, abrindo-se mais para a experimentação subjetiva, do que a uma compreensão formal de significação previamente apreendida. Da mesma forma, discursivamente, constitui-se *potência simbólica*, recheada de elementos oriundos de imaginários coletivos, nos quais ancoramos nossas percepções mais íntimas, assim como os imaginários produzidos pelas culturas.

Neste contexto, entendemos o cinema como artefato *educativo*, pois nos ensina modos de *ver* e *sermos vistos*, de *ser* e *estar*; envolvendo tudo o que potencializa visões de mundo, de construção e legitimação de concepções de mundo; é também *evocativo* , pois diz respeito às percepções que envolvem a memória, àquilo que permanece como referencial anterior e que, em relação com as novas conexões, pode reconfigurar-se, estabelecer *novas/outras* conexões,

[2] O Conceito Edu(vo)cativo vem sendo pensado no Grupo de Estudos e Pesquisas Cinema e Educação (GECED/CNPq). O GECED configura-se a partir do cinema como mobilizador de aprendizagens em variados âmbitos e contextos educativos, formais e não formais de ensino, onde cada membro propõe um enfoque particular em relação ao cinema e um enfoque de pesquisa. Desta forma, há pesquisas que relacionam diferentes abordagens, tais como: cinema e gênero, cinema e subjetividade, cinema e infância, cinema e educação, cinema e formação docente. O marco teórico-metodológico respalda-se pela perspectiva educativa da cultura visual e pedagogias culturais amparado por autores como Fernando Hernández, Nicholas Mirzoef, David Darts, Raimundo Martins, Irene Tourinho; acerca dos Modos de Endereçamento com a obra de Elizabeth Ellsworth; acerca do cinema e educação Adriana Fresquet, dentre outros. No que diz respeito às construções sociais/culturais e ideológicas, bem como são produzidos os significados, Jerome Bruner e Kenneth Gergen consistem nas principais referências.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



produzindo outras vias: *traz à tona*, movimenta do interno para o externo, *emerge*, *faz surgir*. E, por fim, o termo *cativo* busca estabelecer relações com aquilo que seduz, que aprisiona, que detém atenção, que afeta, que domina: um filme não apenas mobiliza, mas evoca, potencializa, educa, constrói, legitima, instrui.

Pensando o cinema a partir da conjunção léxica proposta, à luz da perspectiva educativa dos estudos da cultura visual, podemos dizer que este *mobiliza* formas de compreensão que talvez não sejam possíveis de outra ordem. Os atravessamentos que o cinema estabelece com espectadores envolve conhecimento da linguagem, mobilização de conceitos e imagens previamente apreendidas, configurando-se no plano sensorial, sonoro, visual, da ação que materializa-se em seu tempo de visualização, a partir de um *entre* e *sucessivos* momentos. Nas palavras de Adriana Fresquet,

> [...] de fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. (2013, p. 19)

Para Fresquet, "a tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro" (2013, p. 19). Ou seja, os sistemas de representação criados e veiculados pelas produções cinematográficas ativam e potencializam imaginários ao dar forma àquilo que antes de se tornar *visualmente comum/cotidiano* era apenas *mundo das ideias*. A partir do cinema, o imaginário visual ganhou forma, ritmo, movimento e voz. As visualidades adquiriram o *status* de *imagem/pensamento,* tendo em vista que articulam em nós uma multiplicidade de relações, construções, definições e conceitos que só são possíveis através daquilo que os olhos captam e formulam mentalmente:

> Quando vemos uma imagem, objeto ou artefato, recorremos às informações gerais e/ou ao conhecimento específico que possuímos. Recorremos a hábitos, valores, referências e contexto para dar sentido/significado ao que vemos. Cada indivíduo utiliza suas informações, conhecimento, hábitos e referências para estruturar e dar sentido às coisas que visualiza, valorizando-as diferentemente, negociando seus significados de acordo com o contexto, sua trajetória cultural e seus interesses. (MARTINS; TOURINHO, 2011; p. 54-55).

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



No contexto educativo, torna-se *edu(vo)cativo*, uma vez que há uma multiplicidade de caminhos de natureza relacional, os quais mobilizamos durante um processo interpretativo – seja ele no campo da arte ou da educação, da ciência ou da sociologia. Portanto, aprender *com/ a partir* do cinema implica abandonar a ideia de um único caminho a ser seguido de forma rígida, pois sugere *estabelecer relações*. Diante de infinitas possibilidades de abordagem – principalmente tendo em vista a presença constante de representações visuais oriundas de diversas fontes – o desafio de fugir das concepções estereotipadas de uso do cinema em sala de aula propunha reinventá-las através de práticas investigativas *experimentais, movediças, questionadoras*, começando pelo exercício de reconhecer a potencialidade *narrativa/evocativa* dos filmes: *O que pode um filme? Como abordá-lo enquanto potência à aprendizagem*?

Neste ínterim, noções de identidade e subjetividade *examinadas/ (re)vistas/ compreendidas* e articuladas a partir da perspectiva educativa da cultura visual nos oferecem pistas e também evidências para interrogarmos a sua construção e também os estereótipos que contribuem para definir condutas, delinear posições hierárquicas e legitimar papéis sociais, sobretudo no que tange à construção da docência. O olhar produzido pela cinematografia hollywoodiana – de maior difusão em nossa cultura – que se constitui forte veículo de construção e produção de identidades (não apenas as identidades docentes), revisitado pode desencadear processos de questionamento e reelaboração, pois, como argumenta Fernando Hernández:

> Os estudos da Cultura Visual nos permitem a aproximação com essas novas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras de as crianças, jovens, famílias e educadores olharem (-se) e serem olhados. Reconstrução não somente de caráter histórico, mas a partir do momento presente, mediante o trabalho de campo ou a análise e a criação de textos e imagens. Reconstrução que dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades. (HERNÁNDEZ, 2007: 37).

Tomando como ponto de partida o argumento do autor em favor da perspectiva educativa da cultura visual, as produções fílmicas nos conferem únicas ou infinitas visões de mundo, de *ser*, de *estar* e *atuar* nas mais variadas situações

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



cotidianas. Não apenas aprendemos a olhar e compreender as narrativas visuais desde a infância, mas também nossas formas de ver passam a ser articuladas a partir do lugar que ocupamos – social, cultural, histórico. Não apenas visualizamos uma narrativa decodificando a sequência de imagens, mas reconstruímos e recontamos internamente a partir daquilo que compreendemos da visualidade, daquilo que *apreendemos*. Portanto, enquanto *dispositivo do olhar*, o cinema pode contribuir para *desvelar* imagens, assim como pensar sobre *que/quais* lugares ocupam dentro dos imaginários coletivos e *quais* são as possibilidades de transgredi-los em favor de articulações mais subjetivas, autorais e inclusivas.

Problematizar o cinema (no sentido de pensar o que *evoca/provoca/mobiliza*) sugere práticas de *desnaturalização do olhar* e especial atenção às contingências que delineiam nossas relações com o mundo, nossas experiências cotidianas. Em decorrência, podemos nutrir-nos de estratégias críticas para questionar padrões, desmontar estruturas hegemônicas, discursos rígidos e propor fissuras, brechas em que nossa subjetividade seja potencializada. Partindo da concepção de que noções de verdade e realidade igualmente correspondem a construções sociais, culturais e históricas, podemos permitir-nos distanciarmo-nos, desprendermo-nos de concepções alicerçadas em padrões e posicionamentos fechados e inflexíveis. Esse distanciamento nos permite repensar o que é normativo, a fim de examinar de onde surgiu e como a essa normatividade não corresponde uma única verdade, mas uma referência datada, localizada e impregnada de ideologias.

Examinar a docência à luz do que dizem suas representações no cinema, colocam frente a frente as distintas versões que nos são oferecidas enquanto papéis sociais: é recorrente a figura docente caricaturada através de modelos messiânicos, assistencialistas e transformadores, dispostos a abrir mão de suas expectativas de vida para solucionar os mais variados problemas de seus alunos. Poucas são as narrativas que evidenciam uma docência fragilizada, hostil e afetiva, ou ainda, como profissão[3].

[3] No livro Pedagogias Culturais, organizado por Raimundo Martins e Irene Tourinho (Editora da UFSM, 2014) discuto esta questão no texto "Aprendendo a ser docente através de filmes: possíveis trânsitos entre cinema e educação" (p. 141-164). Neste, faço referência a uma série de títulos de filmes que têm como tema

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



O cinema como ponto de partida na formação docente

Tomar a perspectiva educativa da cultura visual como ancoradouro nos favorece interrogar as elaborações discursivas que envolvem a construção do olhar e também os estereótipos que contribuem para definir condutas, delinear posições hierárquicas e legitimar papéis sociais. Sobretudo o olhar produzido pela cinematografia hollywoodiana – de maior difusão em nossa cultura – que se constitui forte veículo de construção e produção de identidades.

Acredita-se que cada espectador aporte sua própria experiência, história e identidade à compreensão de um texto fílmico. Contudo, é possível que as narrativas visuais privilegiem certas posições - mesmo que haja certa autonomia para colocar interpretações personalizadas - pois estas interpretações se encontrarão afetadas pelos limites impostos pelo enquadramento, pela delimitação de alguém sobre o que tornar visível e o que deixar fora.

As interpelações entre narrativas visuais, textos discursivos e processos cognitivos são aspectos importantes que merecem ser discutidos sob a luz da ideologia presente nos roteiros, uma vez que problematizá-los pode configurar-se como ferramenta pedagógica para pensar a complexidade das concepções que elaboramos a partir do que visualizamos.

Quando as imagens fílmicas *se convertem* em aparatos de propulsão para desencadear aspectos problematizadores no campo social a respeito de questões de gênero, credo, liberdade, respeito, cidadania e educação, as narrativas fílmicas funcionam como dispositivos, possibilitando que os estudantes exercitem a experiência da indagação.

Ao examinar as relações dos sujeitos envolvidos com experiências de visualização de filmes durante o desenvolvimento de disciplinas na universidade, no curso de Licenciatura em Artes Visuais - seus diálogos, interpretações e reconstruções - percebeu-se que a negociação é fundamental para desenvolver e estimular a construção do conhecimento a partir de uma abordagem educativa política, crítica, que potencialize o caráter subjetivo e colaborativo *com/entre* os

professores, com maior difusão em contextos educativos formais, tencionando a partir de algumas experiências durante a formação inicial e continuada de professores.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



sujeitos. Diante da experiência de aprender *com/a partir* do cinema, estamos lidando com imprevisibilidades, incongruências, insatisfação e a constante possibilidade de revermos nossas concepções e demais processos constitutivos. O ambiente educativo pode configurar-se como lugar de tensionamentos, de imagens que afetam e reverberam conexões inventivas que articulam distintos saberes.

A partir das considerações elaboradas juntamente com os sujeitos em formação, podemos pensar o cinema como dispositivo que produz e faz circular modos de *ver*, *ser*, *relacionar* e *pensar* os diversos códigos culturais com os quais dialogamos diariamente. Contribui também para refletirmos sobre a construção de imaginários e, do mesmo modo, para advertir-nos, sugerir e/ou alertar-nos frente às incertezas que configuram nossos dilemas existenciais que encontram sua potência nas relações que estabelecemos diariamente.

Neste ínterim, as produções cinematográficas -- enquanto artefatos produzidos pelas distintas culturas, inseridos e veiculados por determinados discursos e ideários de acordo com as contingências vigentes de seu tempo -- possibilitam noções de realidade, pois refletem questões sociais que permeiam seu tempo. Sob este aspecto, Raimundo Martins argumenta:

> A *ilusão de realidade* de que se valem as obras fotográficas e, sobretudo, as cinematográficas, brinca com a percepção da platéia. Assim, raramente é levado em consideração o fato de que, em última instância, toda imagem constitui um conjunto de pontos de vista que decorrem de certos modos de interpretação da realidade, recortes que enfatizam determinadas informações em detrimento de outras: o que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é o mundo, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem. (MARTINS, 2007: 115-116)

Ao mobilizar o campo da afetividade por meio da narrativa que nos é contada, bem como a proximidade com os personagens envolvidos, há quase sempre uma conexão imediata (em maior ou menor grau), o que coloca os espectadores em situação de igualdade, de relação íntima. Inscrevemos nossas próprias relações com a vida plasmada na tela e estabelecemos algumas relações ao reviver nossas próprias experiências, ou, ainda, projetarmos sonhos, desejos, medos, aventuras imaginárias.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Neste viés afetivo há ilimitadas interlocuções com o cinema, o que talvez configure nossa questão principal: *Como pensar/propor o cinema edu(vo)cativo no contexto da formação docente?* E além desta, *Qual a relevância desta articulação durante a formação docente?*

De modo geral, como já foi mencionado, experiências de aprender com o cinema na escola privilegiam a vontade do professor/professora em dar continuidade a um determinado conteúdo e o filme parece ser uma opção ilustrativa de determinado fenômeno e/ou fato a ser apreendido. Não que esta abordagem não seja relevante, ao contrário, pode ser um bom argumento. O problema é quando restringe-se apenas à ilustração, não abrindo espaços ao que reverbera a visualização de um filme. Ou, ainda, quando não se problematizam as visões de realidade representadas na tela – no que diz respeito aos enquadramentos, discursos e demais significados que são relacionados, muitas vezes de maneira implícita.

> Nessa direção, a educação da cultura visual é aberta a novas e diversas formas de conhecimentos, promove o entendimento de meios de opressão dissimulada, rejeita a cultura do Positivismo, aceita a ideia de que os fatos e os valores são indivisíveis, e, sobretudo, admite que o conhecimento é socialmente construído e relacionado intrinsecamente ao poder. (DIAS, 2011: 62).

Talvez o questionamento pontuado por Belidson Dias adquira maior potência ao trazer para a discussão a recente lei que torna obrigatória a exibição de pelo menos duas horas de filmes produzidos nacionalmente nas escolas de Educação Básica. Aí reside uma de nossas grandes preocupações:

> Que filmes? Que formas de exibição? Que engajamento dos professores e da comunidade? Que formas de acesso às obras? Como regulamentar a Lei? Há filmes com tecnologias assistivas que permitam sua aces- sibilidade a professores e estudantes cegos e surdos? Como engajar outros atores – Ancine, Secretaria do Audiovisual, secretarias de educação, MEC? Quem custeará as ações? E, sobretudo, o que esperar dessa relação do cinema com a educação? (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015: 4)

Além disso, quais áreas? Quais docentes? Que preparação prévia? O que precisa saber/conhecer o docente que irá abordar o cinema enquanto dispositivo? Há que ensinar códigos da linguagem? E no que tange à visualidade, o que propor?

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Seria da competência da área das artes visuais? Propor pensar sobre os elementos estéticos? Etc.

Neste cenário abrem-se muitos debates em torno desta obrigatoriedade: por um lado, esta regulamentação faz com que o cinema deixe de participar apenas como complemento, ilustração, como decorativo/recreativo, tornando-se objeto principal, ponto de partida à reflexão em torno dos códigos culturais que o formulam, legitimam e distribuem noções de realidade. Por outro, proposições prescritivas, destituídas de negociação coletiva -- que desconsidera o cinema enquanto obra aberta -- podem desencadear versões estereotipadas que, devido à obrigatoriedade, venham a ser desenvolvidas por profissionais despreparados, dispostos a cumprir tarefas, apenas.

Ao discutir a lei, Adriana Fresquet e Cezar Migliorin sugerem alguns princípios que poderiam ser levados em consideração diante das aproximações com a educação. Para os autores, ao tomar a lei como ponto de partida, deveríamos ter em mente estas dez considerações:

> 1. Democratizar o acesso 2. Acesso, diversidade e capilaridade de decisões 3. Valorizar as ações existentes e locais 4. O cinema deve ser arriscado 5. Cinema é conhecimento e invenção de mundo 6. A escola não forma consumidores 7. Tensão na estrutura das escolas 8. Por que cinema brasileiro? 9. Promover a criação com imagens 10. A experiência com o cinema. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015: 6-17)

Diante destes aspectos expostos, talvez fosse interessante retomarmos o conceito de “desaprender/reaprender”, proposto por Adriana Fresquet (2007) no livro “Imagens do Desaprender: uma experiência de aprender com o cinema”, em que narra a seguinte relação:

> Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar, erradamente, a idéia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade da aprendizagem, que desaprender significa fundamentalmente ‘lembrar’ as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre, adquire valor de inquestionável. Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é, também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada. (FRESQUET, 2007: 49).

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Portanto, as múltiplas relações promovidas pelas narrativas fílmicas nos fazem pensar em diversas maneiras de abordar a visualidade, começando pelo âmbito da sensibilidade, da emoção, do afeto, até avançarmos pelo terreno da pedagogia, onde nos encontramos com a relação *ensinar/aprender*. Partimos do princípio de que o cinema se inscreve em uma temporalidade compreensível a praticamente todos os públicos, ao representar as diversas etapas do desenvolvimento humano: as descobertas infantis, a adolescência e a juventude, a maturidade e a velhice, nas suas mais variadas manifestações, e a utilizarmos como ponto de partida para começar nossa *viagem*. Durante o percurso, é possível visualizar terrenos férteis e também arenosos, lugares remotos de nossa memória e outros recôncavos repletos de figuras míticas, fantasmagorias e possibilidades.

Estes dispositivos desestabilizam e mobilizam outras aprendizagens, promovem crises que geram avanços, instigam a pensar alternativas. São forças que produzem o deslocamento e a descoberta de outras dimensões, de outras linhas de pensamento. Incitam também a adotar uma postura crítica impulsionada pelo desejo de criar espaços e alternativas para aprender sobre o mundo a partir do diálogo com o outro, a reconhecer-se pelas diferenças, a pensar o ambiente de formação inicial e continuada da docência como exercício do olhar crítico e *mobilizador*.

Sobre o cinema e suas provocações: um desfecho provisório

Referência na moda, no comportamento, na música e nos mais variados âmbitos das experiências humanas, o cinema configura-se como fenômeno cultural de grande impacto na configuração de imaginários, desde a infância. Desde muito cedo somos introduzidos à lógica narrativa sequencial que apresenta muitas realidades. É recorrente em nossa contemporaneidade nos depararmos com personagens criados pelo cinema em acessórios, utensílios domésticos, adereços, materiais pedagógicos, brinquedos, etc., propagando uma legião de muitos heróis (e raríssimas heroínas) que inevitavelmente invadem a escola, reproduzindo-se nas canções, brincadeiras, corporeidades, comportamentos. Diante destes contextos, *Como a docência articula estas experiências visuais enquanto mote inicial a ser*

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



esmiuçado? Que relações com as imagens fílmicas os/as docentes têm apreendidas? Como são seus enfrentamentos, relações com o cinema?

Talvez seja relevante pensarmos alternativas nas quais estudos sobre cinema e educação possam estar presentes durante a formação inicial e continuada da docência para propor relações de aprendizagem a partir da imprevisibilidade: seu papel e sua utilização dentro dos ambientes de aprendizagem, tendo como premissa não cairmos na tentativa de *pedagogizá-lo*, ou torná-lo *mais um* instrumento fechado ou previsível, mas de tomá-lo como obra aberta – a partir da concepção do *rizoma* – para tomar vias distintas. *Bricolar*, propor conexões com outras narrativas, abordá-lo sem tentar traduzir o que é essencialmente percepção visual/sensorial/emocional e que, obviamente, requer outro tipo de relação, outros códigos, *outras lógicas*.

Para finalizar está escrita, retomo os vocábulos que a iniciam: *provocações, descontinuidades, desfechos,* com o intuito de sinalizar como poderiam operar no campo educativo – ao menos como pretendo que sejam pensados aqui.

O cinema enquanto *provocador*, que desafia, incita o questionamento, retira da calmaria e lança na tempestade, desacomoda, instiga o pensamento, retira do lugar comum, causa desconforto. Neste contexto, por significados que possam ser revistos/revisados, *reconceituados*. Imaginários produzidos pela cinematografia dominante (em nossos contextos) possam ser repensados, ou, em alguns casos, como argumenta Adriana Fresquet, *desaprendidos* e *reaprendidos* a partir de outras lógicas/relações.

(Des)continuidade tem duplo sentido: no cinema, a ideia de movimento se dá pela *sequência contínua de imagens*, trabalha-se com a *continuidade* de um roteiro. Uma *descontinuidade* seria uma ruptura da continuidade, da linearidade. Poderia ir na contramão, a *contrapelo*. Caracteriza-se como uma interrupção. A continuidade no cinema busca uma coerência lógica que envolve sonoridade e fluxo visual na sucessão de imagens, o que pode envolver cortes durante uma montagem, pois cabe ao continuísta manter a conexão desejada pelo roteiro entre as cenas, concedendo entendimento à narrativa que está sendo contada. Juntamente com o diretor ou diretora de um filme, colabora com todas as demais especificidades técnicas que participam da história a ser contada: dos enquadramentos aos

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



cenários, objetos de cena, etc. Então, *O que seria um/uma (Des)Continuísta em educação?*

Talvez, aquele/aquela que ocupa-se da *provocação*, que *incita* o jogo, que lança convites, que desafia. Sabemos que a escola, nos moldes atuais, não configura-se única fonte de saberes, mas espaço de diálogo, de negociação, formulação.

Desfecho, do ponto de vista literário, diz respeito à finalização, ao desenlace de uma trama/narrativa. Pode ser entendido também como local de chegada depois de alguns trechos percorridos. Neste texto, *desfecho* pode ser concebido também como síntese do processo desenvolvido, porém aberto, ainda no ato de acontecer. Entendo desfechos como *provisórios*, embora pareça relevante percebermos processos de soluções de problemas, pontos que podem ser destacados ao término de uma jornada, de uma investida, uma aposta. Acredito que desfechos são importantes, pois impelem a retomar a jornada, examinar o percurso, movimentar-se em temporalidades diversas para compreender como se articula o momento presente. Transformando-o em verbo, *desfecho - desfechar* - poderia ser *des-fechar*, torná-lo em aberto, apesar de haver já percorrido uma trajetória; examina-se o recorrido, porém servindo como propulsor a dar segmento, a tomar novas experiências, seguir aprendendo, *des-fechando* processos educativos.

Referências

BRUNER, Jerome. *Actos de significado:* más allá de la revolución cognitiva. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

DIAS, Belidson. *O i/mundo da cultura visual.* Brasília Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Posiciones en la enseñanza:* diferencia, pedagogía y el poder de la direccionalidad. Madrid: Akal, 2005.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação:* reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



FRESQUET, Adriana. *Imagens do desaprender:* uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

FRESQUET; Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola: notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). *Cinema e Educação: a lei 13.006*. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual:* uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Alice Fátima. Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais. In OLIVEIRA, M. O. de (Ed.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 111-130, 2007.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, R. y TOURINHO, I. (Eds.) *Educação da cultura visual: conceitos e contextos.* Santa Maria: Ed. da UFSM. (pág. 51-68) 2011.

VALLE, Lutiere Dalla. Provocações, (des)continuidades, desfechos: potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na formação docente. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 95-108, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.